

## O REMANESCENTE GOTHARDO NETTO\*

Humberto Hermenegildo de Araújo (UFRN)

Para Carlos Alexandre Câmara

No dia sete de maio de 1920, o jornal natalense *A República* registrava o nono aniversário da morte de Gothardo Netto (1881-1911). No ano seguinte, Câmara Cascudo lançaria a primeira tentativa de síntese do movimento literário do Rio Grande do Norte — *Alma patricia* (1921), com notas biobibliográficas sobre dezoito escritores potiguares, dentre os quais se destaca esse representante interessante e único do Romantismo em verso, prosa e vida. O leitor do início da década de 20 resumiu assim a sua opinião sobre o poeta:

O verso de Gothardo é pura e logicamente o impulso natural dos Condoreiros junto a uma porção adocicada de Casimiro de Abreu e Fagundes Varela. Ninguém hoje fará versos com as imagens e os coloridos antigos. Já ninguém hoje em dia perderá alma e sentimento rimando versos com lágrimas nos olhos. (CASCUDO, 1998, p. 135)

Segundo o autor de *Alma patricia*, o natalense José Emerenciano Gothardo Netto, nascido a 24 de julho de 1881, foi o melhor da geração de 1906 a 1911, sendo o mais lido dos rapazes da cidade, o primeiro sonetista e o autor de *Folhas mortas* (1913), livro publicado postumamente graças a uma iniciativa da Officina Literaria Lourival Açucena, com prefácio de Antonio de Souza (o conhecido “Polycarpo Feitosa”). Segundo o prefaciador, “Gothardo Netto não era dos nossos dias; ele foi um dos companheiros do exílio de Casimiro de Abreu e da boêmia de Castro Alves...”; “Como outros sofredores da nossa terra, ele parecia influenciado pela sugestão de Musset”. (cf. WANDERLEY, 1993, p. 152).

Câmara Cascudo sugere que o poeta sofreu de tal modo a influência do meio que a sua tristeza romântica seria determinada pelo aspecto mórbido da rua e da casa onde morava, lugar de reclusão durante os cinco últimos anos da sua vida, quando escreveu versos doentios. Posteriormente, em texto publicado em 1940, o autor de *O livro das velhas figuras* escreve em tom de crônica, evocando a sofrida vida do poeta dos longínquos tempos do romantismo, morador de uma casa de aspecto colonial, preservada por reformas e envolvida em um clima de passado. O saudosismo se revela no seguinte trecho:

---

\* Publicado em *Brouahaha*, Fundação Cultural Capitania das Artes, Natal-RN, Ano I, n. 2, p. 64-65, out./dez. 2005.

Passo devagar pela sua janela que o luar de maio aquece e deslumbra. Daí ele versejou e sofreu. E me vem, trazido pelas aragens da noite maravilhosa, seu grito soberbo, de sofrimento, de rebeldia, de descrença e de virilidade mental. (CASCUDO, 2002, p. 120-121)

Gothardo Netto é o Patrono da Cadeira n. 24 da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras. Esse filho do professor José Ildefonso Emerenciano e de Dona Ignácia Florinda Emerenciano estudou no Atheneu Norte-Rio-Grandense, fez parte da redação da *Gazeta do Commercio* e d'*A Capital*, dirigindo mais tarde *O Potyguar*. Conforme registra Ezequiel WANDERLEY (1993, p. 152), ele escreveu em quase todos os jornais natalenses do seu tempo.

Amigo de Ferreira Itajubá, sendo inclusive seu companheiro de publicação no jornal *O Torpedo*, Gothardo Netto era também reconhecido pela sua capacidade de fazer versos, mesmo de improviso, quando das noitadas dos pastoris. Tarcísio Gurgel representa bem esta faceta do poeta: “Deitado em uma rede, na sala de visitas da sua casa, produzia versos e mais versos, a pedidos, bebendo sem parar” (GURGEL, 2001, p. 54).

Passados já 124 anos do nascimento do poeta e 94 da sua morte, reveste-se de aura a memória daquele que não deixou sequer um retrato seu à posteridade. Câmara Cascudo retoca o possível retrato com adjetivos que o aproximam de Ferreira Itajubá: **alegre, vivaz, folião, ousado cantor das morenas**. Mas, o retoque final é dado na aura que distancia ainda mais do presente esse representante da nossa frágil tradição literária. O que prevalece, fechando o texto cascudiano de *Alma patricia*, é a imagem fugidia do triste Gothardo: “... foi uma **folha morta** destacada da árvore nutriz da Vida, rodopiando às tontas no ar, perdendo-se depois no seio do infinito” (CASCUDO, 1998, p. 135. grifo meu). Essa imagem final é revelada pelo próprio poeta:

### ***N'um Postal***

Para o *Almanak de Macau*

Alvo e modesto este postal, Parece  
Somente próprio a receber meu canto  
Que nada mais de dólido e de santo  
Tem que a meiguice virginal da prece.

Sonhos? Quem dera que os tivesse agora!  
Minha vida é o rochedo  
Onde a vaga estertora,  
Sem jamais revelar o seu segredo!

Ah! Quem dera que sempre uma sereia,  
No mistério soturno e funerário,  
Guardasse esse rochedo solitário

Natal, 1908.

Este poema, publicado no *Almanak de Macau* (para o ano de 1909. Macau-RN, p. 139), ganha força se o lemos com o pensamento fixo naquela aura do poeta romântico, ainda mais se compararmos a disparidade atual em relação à data de publicação do poema e, também, em relação às díspares imagens da realidade vivenciada por Câmara Cascudo que, no início do século XX, já se contrapunha ao tempo de Gothardo Netto.

Aquele postal parece próprio a receber o canto de *Folhas mortas*, projetando-o no salão das nossas tradições, configurando o nosso patrimônio, cuja função é fornecer ao presente essas imagens, ainda que mortas. São as imagens de uma Natal inarredável, como diria Cascudo, no presente. Imagens que levaram Jorge Fernandes a bradar diante da modernidade: “Sou como antigos poetas natalenses / Ao ver o luar por sobre as dunas...”.

Pertencente às falanges de Jorge, o remanescente Gothardo Netto merece a pergunta: por onde andarão as suas *Folhas mortas*?

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. Pós-Românticos no Rio Grande do Norte. In: LINO, Joselita Bezerra da Silva; SILVA, Francisco Ivan da. (Orgs.). *Múltipla palavra: ensaios de literatura*. João Pessoa: Idéia, 2004, p. 93-103.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Alma patricia: crítica literária*. 2. ed. Natal: Fundação José Augusto, 1998.

\_\_\_\_\_. Gothardo Netto. (*A República*, Natal, 13 ago. 1940). In: \_\_\_\_\_. *O livro das velhas figuras*, vol. VII: pesquisas e lembranças na história do Rio Grande do Norte. Natal: Sebo Vermelho, 2002. p. 119-121.

FERNANDES, Jorge. *Livro de poemas de Jorge Fernandes*. Edição fac-similar de 1927. Natal: Fundação José Augusto, 1997.

GOTHARDO NETTO. *Folhas mortas: versos*. Natal: Typ. da *República*, 1913.

\_\_\_\_\_. N°um Postal. In: *Almanak de Macau* [para o ano de 1909]. Edição fac-similar. Natal: Sebo Vermelho; Imperial Casa Editora da Casqueira, 1999. p. 139.

GURGEL, Tarcísio. *Informação da literatura potiguar*. Natal: Argos, 2001. p. 184.

MELO, Veríssimo de. *Patronos e acadêmicos – Academia Norte-Rio-Grandense de Letras: antologia e biografia*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1972. (Vol. I – Patronos). p. 146-149.

WANDERLEY, Ezequiel. *Poetas do Rio Grande do Norte*. Edição fac-similar de 1922. Atualização e notas de Anchieta Fernandes. Natal: Sebo Vermelho; Clima; Cata Livros, 1993. p. 151-153 e 324.